

“É PRECISO RESETAR”: O FUNCIONAMENTO DA INTERDIÇÃO PELO PODER DO PORTA-VOZ NO DISCURSO DE ANDRÉ VALADÃO

Evandra Grigoletto¹

Maria Cleci Venturini²

[...] todo discurso é incompleto e seu sentido é intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social e se constitui entre formações discursivas e ideológicas. Assim sendo, o sentido (os sentidos) de um discurso escapa(m) ao domínio exclusivo do locutor. Poderíamos então dizer que todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia (Orlandi, 2023, p. 289).

A epígrafe com que iniciamos este texto reitera que o discurso é incompleto e intervalar e tem relação com outros discursos. Trazemos, como objeto de análise, uma materialidade discursiva marcada pelo discurso autoritário, que "tende à monossemia, uma vez que esse discurso se caracteriza pela polissemia contida, estancada" (Orlandi, 2023, p. 288). Em nossa proposta, partimos da afirmação que dá título a este texto, e que foi produzida pelo Pastor André Valadão, no dia 02 de julho de 2023, numa pregação na Igreja de Lagoinha, em Orlando, nos Estados Unidos. A pregação foi transmitida ao vivo a milhares de pessoas, através de uma live do YouTube, intitulada "Teoria da Conspiração"³. O título da live-pregação faz um deboche com o modo como os cristãos, nas palavras de Valadão, são chamados de "conspiradores" 'por eles' por acreditarem na palavra de Deus. Segundo o pastor, "o princípio do inferno é calar a voz de Deus na terra", e uma vez que cristãos como ele pregam a voz de Deus, fazem ouvi-la aqui na terra, são considerados conspiradores pelos seus inimigos.

Nessa live-pregação, o Pastor André Valadão assume a posição-sujeito de porta-voz da palavra de Deus e, desse lugar, projeta sujeitos-interlocutores idealizados, que aceitam seus argumentos e seguem os seus "mandamentos", como aquele que fala em nome de Deus, significando-se como "o Sujeito", e significando os fiéis como sujeitos-interpelados (Orlandi, 2023, p. 241). O Pastor, nesse funcionamento, constitui evidências de que é "o Sujeito único e absoluto", que fala em "nome de..." (Pêcheux, 1990), como intercessor, de modo que a reversibilidade tende a zero (Orlandi, 2023, p. 288). Mas, ao mesmo tempo, contraditoriamente, instaura e faz funcionar "a ilusão de reversibilidade que sustenta esse discurso" (Orlandi, 2023, p. 288). Isso ocorre quando, em sua pregação, faz parecer que os seus seguidores influenciam o seu discurso. De acordo com Pêcheux (1990, p. 17), o efeito que o porta-voz "exerce quando fala "em nome de ..." é

¹ Doutora em Teorias do Texto e do Discurso (UFRGS), docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Bolsista produtividade do CNPq.

² Doutora em Letras (UFMS), docente dos programas de pós-graduação em Letras na UNICENTRO e na UFPR.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bNb49Jpc8Qo>.

[...] antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior.

No texto de 1990, Pêcheux trabalha com a noção de porta-voz, tomando-a na perspectiva da resistência, em que o sujeito é “ao mesmo tempo ator e testemunha ocular do acontecimento” (Pêcheux, 1990, p. 17) histórico que vem romper com o círculo da repetição. No entanto, no caso em análise, o pastor não assume a posição de porta-voz para afrontar o poder que ele mesmo representa, o poder divino, o poder de Deus, que anula o interlocutor e impede questionamentos. O efeito que se constitui é de que o poder que ele representa é inquestionável e que ele (pastor) é a voz da verdade, ocupando todos os espaços, ou seja, diante dos seus e daqueles eleitos como adversários, inimigos, condenados por antecipação.

Ocorre, no discurso de Valadão, uma divisão, assentada "no princípio da luta de classes" (Pêcheux, 2019); há a discriminação e a categorização dos sujeitos, determinando quem tem direito de falar e em nome de quem fala, quem deve ouvir e obedecer, numa ordem assim posta: Deus - o pastor - e os fiéis, submetidos ao pastor e também aliados dos evangélicos, que ouvem, obedecem e aceitam com louvor. "Os que são falados", que precisam ser resetados, são os sujeitos vulneráveis, os quais são duplamente atacados: primeiro como aqueles que devem ser incinerados e depois como os que acreditam na conspiração - que podem ser lidos como os governos de esquerda.

Apesar de toda pirâmide que classifica/categoriza, entendemos, a partir de Pêcheux (2019, p. 315) que o Aparelho Ideológico Religioso apresenta um duplo caráter: o caráter da identidade e da contraditoriedade, sendo, ao mesmo tempo, unificado e dividido. Nas palavras de Pêcheux (2019, p. 315): “O aparelho religioso está unificado porque condiciona tudo no interior da universalidade da divindade”, unindo classes antagônicas. Não se identifica com nenhuma das classes, mas está acima delas. Ao mesmo tempo, está dividido “na medida em que a hegemonia da classe que realiza, graças à sua unificação, ameaça o seu próprio funcionamento” (2019, p. 315).

Para falar em nome de Deus, André Valadão realiza projeções imaginárias (Pêcheux, [1969] 2019) sobre ele mesmo e sobre aqueles que o seguem e, nesse projetar, regula os seus dizeres para convencer o "outro", levando-o não somente a crer, mas a fazer o que ele reitera ser 'o desejo' de Deus. Há a divisão entre o 'nós' (cristãos genuínos) e 'eles' (que servem o demônio e trabalham para destruir/quebrar toda a 'conexão' com Deus). Nessa divisão, segundo o Pastor, há os que "defendem Deus" e, por isso, fazem parte da teoria da conspiração, e os “destruidores”, aqueles que querem destruir a igreja e as liberdades. O 'nós' - conspirador de Deus - e o 'eles' - os orquestradores.

Esse discurso não rompe, portanto, com o círculo da repetição. Nele, funciona a reprodução do discurso bíblico, de modo que o sujeito-pastor investe-se da autoridade que lhe é concedida pelo lugar

social que ocupa: Pastor de uma Igreja Evangélica. O seu adversário e o daqueles a quem prega é o demônio, que está representado pelo atual governo brasileiro, pela luta da população LGBTQIA+ e de todos aqueles que acreditam e respeitam essa luta. Já, em relação ao 'nós' em formação de que fala Pêcheux (1990), entendemos que, no discurso de André Valadão, funciona um jogo do 'nós' contra 'eles', em que "Nós (os evangélicos) carregamos a verdade absoluta", enquanto "eles carregam a teoria da conspiração."

Partindo dessa breve contextualização e considerando essas premissas teóricas, nosso objetivo é analisar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso desse pastor, presente na live mencionada. Mais especificamente, pretendemos observar como, inscrito no lugar de porta-voz da Palavra de Deus, Valadão utiliza-se de um discurso autoritário para sugerir o aniquilamento do outro.

Da interdição ao aniquilamento do outro: o funcionamento do discurso autoritário de André Valadão

Antes de adentrarmos nas análises propriamente ditas, vamos discutir, brevemente, as noções de interdição, discurso religioso e discurso autoritário, que serão centrais para nossa reflexão. Ancorando-nos em Orlandi (2023), sublinhamos que o discurso religioso se caracteriza como um discurso autoritário, no qual Deus é o sujeito com S maiúsculo e funciona como uma memória do saber (Pêcheux, [1975] 1997). Nesse funcionamento, o Pastor é o sujeito, que assume a posição discursiva de porta-voz, simulando ser responsável pelo que diz e impedindo, assim, a reversibilidade, que é de, acordo com Orlandi (2023, p. 287), "a condição do discurso", mas que não se realiza no discurso religioso; é apenas simulada.

Por tratar-se de uma pregação religiosa, entendemos que os dizeres de Valadão se inscrevem no discurso autoritário (Orlandi, 2023), que é aquele que, como já destacamos, procura estancar a reversibilidade, conter a polissemia e absolutizar um sentido só. É na busca do sentido único que funciona a interdição, que cala a voz do outro, do diferente e, por sua vez, produz o silenciamento. É também a interdição que impede a reversibilidade, promovendo a fala do sujeito com ele mesmo, praticando, narcisicamente, o monólogo e a desconsideração do 'outro', aniquilando-o. Propondo um deslocamento acerca da relação de flutuação entre silêncio e o dizer, como nos diz Orlandi (2007), entendemos, com Tfouni (2016, p. 91), que "é uma interdição que produz essa flutuação", sendo o interdito uma operação linguística estrutural que se realiza pelo dizer e pelo enunciar, como condição de produção, "de existência da linguagem". O funcionamento da interdição, no caso em análise, vai além do verbal, pois interdita a existência do sujeito por meio de um discurso constituído por recursos metafóricos e retóricos, pela voz que se eleva, pelo corpo no simbólico, que fala por meio de gestos autoritários e fortes, que, de certa forma, intimidam e convencem.

Nessa pregação, o pastor afirma que a Bíblia condena a homossexualidade e que Deus, a partir do dilúvio, destrói toda a humanidade por causa da promiscuidade sexual. Sugere, então, que os fiéis devem matar as pessoas homossexuais. Nas palavras do Pastor:

"Agora é a hora de tomar as cordas de volta e dizer não, não, não: Pode parar, reseta! Ai, Deus fala: não posso mais, já meti esse arco-íris aí. Se eu pudesse, eu matava tudo e

começava tudo de novo, já prometi a mim mesmo que eu não posso, então, agora, tá com vocês".

Retorna, nesse recorte do discurso de Valadão, o livro do Gênesis (7-9, p. 32)⁴, referindo-se ao pacto de Deus com Noé, após o dilúvio, em que, na terra, ficaram apenas a sua família e um macho e uma fêmea de cada ser vivo. De acordo com o livro do Gênesis, pelo arco-íris no céu, retorna a promessa de não destruição. Quando Noé construiu um altar para o Senhor, ele pensou: "Nunca mais tornarei a amaldiçoar a terra por causa do gênero humano, pois a tendência do coração humano é má desde a infância. Nunca mais tornarei a castigar todos os seres vivos como acabei de fazer". Verbalizou essa promessa, sinalizando que o arco-íris é o sinal do pacto.

Serve de argumento para sustentar o posicionamento autoritário do pastor o fato de Deus ter salvo do dilúvio sempre o macho e a fêmea, de modo a garantir a procriação. É essa afirmação que tem sustentado o discurso que exclui os homossexuais e os condena. As declarações foram parar nos principais jornais brasileiros e internacionais, além de ganhar muito destaque nas redes sociais. Também o Pastor foi alvo de denúncias de vários parlamentares por crime de homofobia⁵. O vídeo foi censurado pelo YouTube por alguns dias, mas está novamente disponível; no entanto, o vídeo a que tivemos acesso agora, no momento da elaboração deste texto, foi editado e as declarações destacadas não estão mais presentes. Mas o discurso de Valadão, presente na live, não deixa de ser homofóbico e autoritário.

Como Deus não pode mais fazer essa escolha, agora cabe a vocês, os fiéis a quem o Pastor se dirige, acabar com a promiscuidade e "começar tudo de novo". Ou seja, falando 'em nome de Deus', ocupando a posição de porta-voz, fala em nome dos escolhidos de Deus. Recomeçar, resetar, matar, incinerar, aniquilar. Eis a rede parafrástica que vai se construindo no discurso de Valadão. Petri (2018, p. 49), ao trabalhar com o efeito da palavra puxa palavra, afirma que o sentido se produz numa relação "de nunca acabar das palavras com elas mesmas, seja nos espaços de reprodução e repetição de sentidos, seja pela potencialidade na produção e transformação dos sentidos", constituindo redes de memória, encaminhando a discursos outros.

Nessa direção, 'incinerar' puxa 'incineração', 'reduzir a 'cinzas' o lixo ou cadáveres, apontando para a morte. Valadão defende a incineração por meio de exemplos e práticas que desqualificam a comunidade LGBTQIA+, a qual deve sumir; e o faz a partir de uma imagem que tem de si mesmo, daquele que o ouve e daquele que deseja exterminar. A repetibilidade está em "É com vocês". E também na ênfase: "não

⁴ Trata-se do primeiro livro da Bíblia e recebeu esse nome "por se ocupar das origens do mundo" (p. 24).

⁵ Conforme podemos conferir em matérias como essa do Globo - 'Não digo nós matarmos': pastor André Valadão tenta explicar fala homofóbica, mas é alvo de denúncias de parlamentares - Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2023/07/nao-digo-nos-matarmos-pastor-tenta-explicar-fala-homofobica-mas-e-alvo-de-denuncias-de-parlamentares.ghtml>.

entendeu o que eu disse? Agora, tá com vocês! Deus deixou o trabalho sujo para nós". Ideologicamente, os sujeitos LGBTQIA+ estão interditados, silenciados e o Sujeito, como nos ensina Orlandi (2023) é Deus.

Efeito de fechamento

Para construir um efeito de fechamento, mesmo compreendendo que o discurso está sempre em aberto, destacamos que Valadão é um porta-voz: usa o nome de Deus e infringe as leis que vêm do mesmo Deus. Na doutrina cristã, os dez mandamentos foram apresentados por Moisés, profeta hebreu, que subiu ao Monte Sinai e recebeu as Tábuas da Lei das mãos de Deus e as apresentou aos cristãos para que obedecessem, sem questionamentos. Valadão infringe, em suas práticas cotidianas, dois mandamentos cristãos: "Não usar o nome de Deus em vão" e "Não matarás". Coloca no mesmo eixo e em rede Deus, destruição e violência; em resumo, a violência que ocasionou o dilúvio e a destruição de todos os seres vivos que ficaram fora da arca de Noé.

E aí observamos o funcionamento da contradição, como efeito da ideologia, em que Deus é o Sujeito, todo poderoso, que destruiu todos os seres vivos, restando apenas os poucos 'escolhidos' para sobreviver: a família de Noé e um macho e uma fêmea de cada espécie. Ao mesmo tempo em que o pastor prega a obediência aos dez mandamentos, também ordena que os fiéis cumpram com o que ele interpreta ser o desejo de Deus: resetar a humanidade, começar um novo mundo onde o "arco-íris" não esteja mais presente, onde a comunidade LGBTQIA+ não tenha mais direito à existência. Enfim, em sua live-pregação, o Pastor, como porta-voz, assume que o trabalho é *sujo* e destaca as razões pelas quais Deus não pode fazê-lo, reiterando, portanto, que, agora "é com vocês", os fiéis.

Por fim, retomamos aqui um exemplo trabalhado por Pêcheux para mostrar a heterogeneidade, a contradição, a divisão e o funcionamento de uma relação de desigualdade-subordinação entre formações discursivas que se constituem no interior do Aparelho Ideológico Religioso: a expressão "Deus-Pai": "para os ricos, garantia da autoridade dos nobres e, por outro lado, Jesus Cristo escondido entre os pobres, Deus dos pobres [...]" (Pêcheux, 2019, p. 319). Trata-se, na análise de Pêcheux, "de dois personagens em relação a uma mesma referência, o que mostra com muita clareza a contradição interna ao aparelho ideológico religioso." (Op. Cit). Deslocando para a fala do Pastor André Valadão que analisamos neste texto, as questões que lançamos para reflexão são: quem é o "Deus-Pai" do Pastor André Valadão? É o mesmo dos fiéis que ouvem sua pregação? É o mesmo das pessoas LGBTQIA+ que ele ordena aniquilar??

REFERÊNCIAS

GÊNESIS. Noé constroi a arca. *In: BÍBLIA Sagrada*. Coordenação Geral Ludovico Garmus. Trad. Zamagna et al. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996. p. 31-33, Vers. 1-9.

ORLANDI, Eni. **Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Edição comemorativa 40 anos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed., 5. reimpr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.



PÊCHEUX, Michel. [1969] **Análise automática do discurso**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas. *In*: OLIVEIRA, Guilherme Adorno de; NOGUEIRA, Luciana (org.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentido entre continentes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019. p. 307-326.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24. 1990. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636823. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PETRI, Verli. "História de palavras" na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/21503/14100>. Acesso em: 24 jul. 2023.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. Interdito, silêncio e as modalidades da lógica aristotélica. *In*: TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; STÜBE, Angela Derlise; PAULON, Clarice Pimentel (org.). **Silêncio e interdito**: discursos em movimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 89-114.